

# Como num filme: “Para além do enredo”

Parábolas como a do fariseu e do publicano surpreender-nos-ão ainda mais se soubermos mergulhar nas palavras de Jesus.

30/04/2021

*Ver os outros textos da série “Como num filme”*

Como no bom cinema, a riqueza das passagens evangélicas vai além do *enredo principal*. Existem outros *sub-enredos*, com significados profundos, que respondem a uma ampla variedade de circunstâncias e leitores. E muitas vezes o guião apresentará um resultado que deixará o *espetador* confuso.

A parábola do fariseu e do publicano (cf. Lc 18, 9-14) tem um enredo bem definido. S. Lucas expõe a sua interpretação de antemão: refere-se a «alguns que confiavam em si mesmos considerando-se justos e desprezando os outros». Ao princípio, pode-se pensar: “Este episódio não é para mim porque os meus problemas agora são outros”. Mas o texto não oferece outros significados? Que surpresas trará a história? Somente se mergulharmos nas palavras de Jesus, descobriremos aqueles *enredos secundários* que ajudarão a guiar as nossas vidas.

# Surpresas do Evangelho

As parábolas de Jesus são muito dadas a surpresas. Sempre há algo fora do comum nas histórias que conta. Muitas vezes os protagonistas e as ações desconcertam-nos: um patrão que fixa o salário sem proporção com o trabalho realizado, um servidor com uma dívida própria de uma multinacional, um pai que organiza uma festa para acolher um filho sem exigir justa reparação, um juiz e administrador corrupto... Mas não é o caso da parábola do fariseu e do publicano. Nesta, os protagonistas são bastante *normais*, conhecidos pelos ouvintes da época e por nós: um vive dedicado à causa de Deus e o outro é considerado traidor por arrecadar impostos para os estrangeiros. O enredo, portanto, não apresenta muitas surpresas à primeira vista.

Mas onde encontramos um elemento que quebra os nossos esquemas é na perspetiva. Jesus dá-nos uma abordagem insólita: torna-nos testemunhas do diálogo de duas pessoas com Deus, permite-nos entrar onde só o próprio Senhor e o interessado têm acesso. Numa situação normal, poderíamos julgar as ações visíveis, mas não as intenções, uma vez que elas não estão ao nosso alcance. É por isso que sempre podemos salvar a intenção de quem atua, porque para nós ela normalmente ficará oculta:

«Enquanto interpretares com má fé as intenções alheias, não tens direito a exigir compreensão para ti mesmo»<sup>[1]</sup>.

Pelo contrário, nesta parábola que Jesus constrói é-nos permitido nada mais nada menos do que contemplar a competência divina para julgar. O nosso olhar não é apenas externo,

mas ouvimos a oração de um e de outro.

A oração do fariseu é de ação de graças. Desde o início, não presume diante de Deus, mas agradece-Lhe, supondo que é o apoio divino que lhe permitiu comportar-se como se comportou: «Ó Deus, dou-Te graças porque não sou como os outros homens» (Lc 18, 11). Se atribui a Deus não ter cometido furtos, injustiças ou adultérios de que tenha conhecimento, também dá a entender que sem a ajuda divina poderia ter caído em tudo isso. E certamente não é como um publicano, nem no trabalho, nem à luz dos seus concidadãos, nem no seu compromisso religioso. Quanto a este último, inclusivamente excede-se, pois descreve práticas religiosas que vão para além do prescrito para o israelita piedoso.

O publicano, por sua vez, limita-se: «Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador» (Lc 18, 13). É como um resumo que representa um verdadeiro arrependimento. A descrição dos seus gestos corporais –«batia no peito» (Lc 18, 13)– exprime que está sinceramente magoado por aquilo que não fez bem.

## **Uma não justificação insólita**

Agora que fomos testemunhas duma oração e doutra, estamos em posição de fazer o nosso juízo. Mas, antes que possamos fazê-lo, Jesus adianta-Se e mostra-nos a segunda surpresa.

Primeiro, afirma que o publicano «desceu justificado para sua casa» (Lc 18, 14). Parece-nos bem e lógico. Bem, porque queremos apoiar o desejo divino: «Porventura me hei de comproazer com a morte do pecador –oráculo do Senhor Deus– e

não com o facto de ele se converter e viver?» (Ez 18, 23). Lógico, porque a infinita misericórdia de Deus não espera mais do que o arrependimento sincero para operar essa maravilha da justificação.

Ora, o que quebraria os moldes dos ouvintes da época seria «aquele não» (Lc 18, 14), ou seja, a afirmação contundente de que o fariseu não desceu justificado para sua casa. A multidão, perplexa, começava a perguntar: O esforço do fariseu para cumprir com excesso os seus deveres para com Deus não conta para nada? Devemos entender que o que une a Deus é o pecado? O fariseu não pode ser perdoado por roubos que não cometeu. O que deveria ter dito? Qual é o problema?

Uma possível resposta a esta pergunta pode ser dada pela introdução de S. Lucas a esta parábola: é uma história sobre

pessoas que desprezam os outros, considerando-se justas.

Desconsiderar os outros é obviamente errado. E facilmente se chega a essa situação por comparação. Pode parecer lógico que o fariseu se sinta em vantagem ao comparar-se com um pecador público. O problema não está nesse sentimento, mas na própria comparação. O fariseu define a sua vida em comparação com os "outros homens" e, aproveitando as circunstâncias, com o publicano que tem ao lado. Neste processo existe um erro de fundamento. O valor de uma vida é o que ela tem aos olhos de Deus e todas as comparações do mundo não são capazes de emular nem de longe o alcance do olhar divino. Por isso, evitar comparações é um conselho espiritual comum. Além disso, ao desprezar o publicano que está diante dele, está a descuidar o mandamento mais importante: amar a Deus e ao próximo.

A comparação serve como recurso para acalmar a consciência. Não porque revele motivos para estar serenos, mas porque esconde a luz que revelaria o que precisa ser redimido. Como explica S. Josemaria:

«O pecado dos fariseus não consistia em não verem Deus em Cristo, mas em encerrarem-se voluntariamente em si mesmos, em não tolerarem que Jesus, que é luz, lhes abrisse os olhos. Este ensimesmamento tem resultados imediatos na vida de relação com os nossos semelhantes. O fariseu que, por se considerar a si próprio como luz, não deixa que Deus lhe abra os olhos é o mesmo que trata soberba e injustamente o próximo: – “graças te dou, ó Deus, porque não sou como os outros homens: ladrões, injustos, adúlteros, nem como este publicano”»<sup>[2]</sup>.

Dessa forma, o fariseu não consegue definir por que precisará da

misericórdia de Deus. E o problema não é pequeno, porque só a misericórdia de Deus nos pode conduzir à meta nos pode salvar e não as nossas próprias forças sozinhas.

A questão suscitada pela rejeição da oração do fariseu é suscitada também pelas conhecidas palavras de Jesus: «Não vim chamar justos, mas os pecadores» (Mt 9, 13). Mas alguém pode perguntar-se: e os justos? É preciso procurar positivamente pelo pecado para que Jesus o chame? Nada disso. Não só seria absurdo, mas perverteria a lógica do que o Senhor pretende. O pecado nunca é desejável, mas: «Se dizemos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós» (1Jo 1, 8). E o mais importante não é o pecado em abstrato, mas o meu em particular. Quer dizer, ou descubro a *minha indigência*, ou não me abrirei à

misericórdia de Deus, que é a única que me pode salvar.

Desse ponto de vista, a vantagem que o publicano possui não é o pecado, mas o clamor geral do ambiente que o faz lembrar que ele é um pecador. A sua indigência é óbvia, pública, proclamada. O seu único recurso é «Ó Deus, tem compaixão de mim». O publicano apresenta-nos assim o caminho a seguir:

«Age com humildade, só está seguro de ser um pecador necessitado de piedade. Se o fariseu nada pedia porque já possuía tudo, o publicano só pode implorar a misericórdia de Deus. E isto é bonito: suplicar a misericórdia de Deus! Apresentando-se «de mãos vazias», com o coração despojado e reconhecendo-se pecador, o publicano mostra a todos nós a condição necessária para receber o perdão do Senhor. No final é precisamente ele, tão desprezado,

que se torna um ícone do autêntico crente»<sup>[3]</sup>.

## Um resultado inesperado

E finalmente, quando se quer tirar consequências de tudo isso, vem a *reviravolta do guião*, a surpresa final: o fariseu olha para o publicano e o despreza e eu percebo que estou a desprezar o fariseu por desprezar o publicano! Descubro, para minha surpresa, que a referência aos «que confiaram em si próprios, considerando-se justos e desprezando os outros» não visa apenas alguns indivíduos maus que estão por aí, mas sim a sua função é pôr de sobreaviso perante uma ameaça específica e contínua para aqueles que querem ficar da parte de Deus.

Aquele que habitualmente lê o Evangelho em princípio está vitalmente mais próximo do fariseu

do que do publicano. Muito provavelmente, não é um criminoso, não comete ultrajes, não leva um estilo de vida desonesto ou contrário ao ideal cristão. Por isso é muito interessante lembrar que Jesus não enfrenta os fariseus porque os odeia, mas porque os ama. O amor infinito e concreto de Deus manifestado em Jesus Cristo não veio à terra para denunciar os malfeiteiros por despeito. Veio para nos revelar a altura e a profundidade de um Amor de que temos necessidade imperiosa. E às vezes uma repreensão pode ser um bom instrumento para abrir os nossos olhos, para reconhecer que somos necessitados diante de Deus.

Não há razão para pensar que o fariseu seja mau, perverso e negador das suas misérias. É que simplesmente não as vê! E ao contemplarmos esta história que Jesus nos conta, surge a necessidade urgente de sermos humildes e

pedirmos ao Senhor que nos faça ver  
as nossas misérias.

---

[1] São Josemaria, *Sulco n.* 635.

[2] São Josemaria, *Cristo que passa*, n.  
71

[3] Francisco, Audiência 01/06/2016.

Carlos Jódar

Foto: Ben White (Unsplash)

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente a partir de [https://  
opusdei.org/pt-pt/article/como-num-  
filme-para-alem-do-enredo/](https://opusdei.org/pt-pt/article/como-num-filme-para-alem-do-enredo/) (22/01/2026)